

RACISMO, ETNOCENTRISMO E RESISTÊNCIA ANTICOLONIAL NO FILME *LA ÚLTIMA CENA.*

Ana Laudelina Ferreira Gomes (UFRN)¹

O filme *La última cena* (1976), do diretor Tomás Gutiérrez Alea, se passa em Cuba, no final do século XVIII, numa plantação de açúcar e engenho explorado por um Conde que tem por mão de obra escravos negros. Na Quinta-feira Santa, doze escravos são convidados pelo Conde para ceiar com ele ao redor de uma grande mesa, experiência que os faz reencontrar o sentido da dignidade humana e os levam a revoltarem-se. (Conforme síntese do “I Colóquio de Leituras Orientadas” (CLEO) do CCHLA/UFRN, abril de 2010).

Vamos trabalhar a leitura desse filme a partir de referências sobre o etnocentrismo e racismo, na perspectiva de Ella Shohat e Robert Stam em “Crítica da imagem eurocêntrica” (SHOHAT E STAM, 2006). Nessa obra, o etnocentrismo define-se por “olhar o mundo através das lentes de sua própria cultura” (p.51). Por sua vez, o racismo, na perspectiva dos mesmos autores, é definido pela “tentativa de estigmatizar a diferença com o propósito de justificar vantagens injustas ou abusos de poder” de qualquer natureza. “É, por definição, ‘a expressão ou exercício do poder de um grupo’ ” (p.51).

O etnocentrismo, no filme, é demonstrado pelo fato de os colonizadores (representado pelo Conde através de todo seu aparato de dominação, incluindo o padre, o mestre do açúcar, o feitor e os outros capatazes) tudo verem e lerem a partir de suas próprias referências culturais.

Já o racismo é verificado no fato dos colonizadores tentarem estigmatizar a diferença entre brancos e negros (camuflando as desigualdades de poder)

¹ Pós - Doutora em Filosofia (FURG/LYON3-França). Doutora em Ciências Sociais (PUC/SP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. E-mail: analaudelina@uol.com.br

para justificar suas vantagens, seu poder de mando, seus abusos. Trata-se de uma postura e prática racistas não por estabelecer distinções e identificar diferenças, mas por desqualificar o outro (no caso, o negro escravo) para, a partir desta desqualificação, se qualificar, se enaltecendo.

O discurso colonial do filme proporciona o racismo. Afirma-se a deficiência do negro (selvagens, bestiais, só servem para escravo), como no momento da Ceia, quando o Conde tenta justificar a necessidade deles como escravos perante Deus. Após a rebelião, o Conde diz que seu engenho não se transformará num Santo Domingo (Haiti), que a selvageria não vencerá sobre a civilização. As vítimas são culpabilizadas por sua situação de opressão, é o que o Conde faz após a rebelião.

O racismo está presente tanto no discurso colonial veiculado pelo filme quanto na prática do senhor. Sentados na mesa do senhor, amo, Jesus, representada pela mesa do Conde, os doze escravos, como os doze discípulos de Jesus, são doutrinados pelo Conde de que devem servir a Deus e sacrificar-se em seu nome, como fez Jesus, como pensa que o faz o Conde, ao lavar e depois beijar os pés dos doze escravos, antes da ceia da quinta-feira santa. Na mesma lógica, o trabalho escravo na lavoura e engenho de cana faz parte da “ordem divina”, que segundo a interpretação do Conde do Novo Testamento, tem que ser feito pelo negro, pois o branco sofreria muito mais que o negro, se o fizesse. Para que quer o negro a liberdade, pergunta-lhes o Conde, no lugar simbólico de Jesus. Para que, se perante Deus, a maior liberdade que o negro pode ter é ser escravo e, com esta servidão ao senhor, ganhar o Paraíso após a morte.

O racismo aparece também no discurso religioso do Conde. Através do Conde, o catolicismo colonial espanhol do século XVIII traz o Deus dos dois mundos, o mundo terrestre, no qual se sofre, e o mundo celeste, pós-morte, onde todos são iguais e onde se pode então ser feliz. Esta seria a recompensa deste Deus a seus bons filhos, àqueles que sabem servi-lo com conformismo: o Paraíso celeste. O Conde conta a seus doze escravos discípulos sua versão do

Gênesis: Eva e Adão perderam o Paraíso por desobediência. Comeram do fruto da árvore proibida e, por isso, terão que, a partir de então, trabalhar para comer. Este pecado original nos acompanha a todos, cada um em um lugar dentro da hierarquia terrestre, ao negro, no lugar de escravo da cultura canavieira. Pelo filme, somos informados de que a doutrina da Igreja Católica de então serviu como aparato linguístico e ideológico ao discurso colonial para justificar suas práticas. Um discurso e prática racista.

O racismo é mostrado no filme como produto e aliado do colonialismo. Vê-se o caso de alguns escravos discípulos do Conde Jesus que defendem o mestre de ironias e ataques que este recebe, enquanto está dormindo durante a ceia, o que mostra a força deste discurso colonial mítico e místico, a partir do qual os próprios oprimidos se identificam com o opressor, perpetuando o sistema de dominação.

Segundo Richard Gordon (2010), a análise fílmica de *La última ceia* deve considerar o cruzamento ou entrecruzamento de vários tempos, ligando “o passado do filme ao presente do espectador, pois o cinema, como a literatura, seria um importante veículo no esforço de conectar o passado ao presente, em especial o cinema histórico”. Observamos, então, os vários tempos e espacialidades que se entrecruzam: o tempo onde se dá a trama (fins do século XVIII) e sua espacialidade (engenho de açúcar cubano), período de dominação colonial em toda América Latina; o tempo que o diretor do filme produz (1976) e sua espacialidade (Cuba, pós-revolução castrista). Conforme Gordon (2010), Fidel então identificava a luta contra a escravidão com a luta pela independência colonial, conectando liberdade dos escravos e liberdade de toda a população. Fidel colocava os escravos como protótipos dos que lutam pela independência e dos revolucionários. Aqui, os escravos representariam um grupo subjulgado, mais do que um grupo que luta pela identidade de raça etnia.

Conectamos o filme também ao nosso tempo atual, nosso tempo de espectadores do filme, caracterizado por todo um legado do colonialismo e

imperialismo (neocolonialismo, neoimperialismo, a dominação pós-colonial etc) e a(s) espacialidade(s) de cada povo que assiste ao filme, não só em suas identificações nacionais, mas, principalmente, nas identificações globais, que o inserem localmente enquanto povo, em especial dos povos em situação de sujeitos às novas colonizações globais contemporâneas.

O filme vem na linha do que se costuma chamar de cinema histórico e, principalmente, de cinema latino-americano. Este seria uma proposta de cinema de denúncia e de resistência às opressões sociais, seja do Colonialismo, do Imperialismo e ou de outras formas contemporâneas em que estas dominações se expressam. Denúncia, resistência e incitação à luta pela liberdade e dignidade, denúncia e resistência que busca trazer à luz a voz de saberes invisibilizados, na perspectiva da Sociologia das Ausências e das Emergências, de Boaventura Sousa Santos (2008), como é o caso do escravo Sebastian, à mesa do senhor Conde Jesus, e depois único que parece ter tido alguma chance de libertar-se, por isso, símbolo da luta pela liberdade. Curiosamente, Sebastian é para o Conde Jesus, seu Judas, o traidor. Então, no filme, aquele que se revela e que trai o poder estabelecido é o que tem alguma chance de liberdade. Não se sabe se de fato Sebastian conseguirá ou não sua tão almejada liberdade, o filme deixa em aberto, mas isso pouco importa quando observamos que com esta indagação no ar, Sebastian vira lenda, e como lenda, se encanta, e ao se encantar, se torna um motor para a resistência em prol da liberdade e dignidade humana.

REFERÊNCIAS

I Colóquio de Leituras Orientadas (CLEO) do CCHLA/UFRN, Natal, abril de 2010. (Folder).

LA ÚLTIMA cena. Direção: Tomás Gutiérrez Alea. Cuba, 1976.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo. Para uma nova cultura política.** 2ª. Ed. São Paulo: 2008.

SHOHAT, E.; STAM, R. **Crítica da imagem eurocêntrica. Multiculturalismo e representação.** Tradução Marcos Soares. São Paulo: CosacNaif, 2006.